



Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery

<http://re.granbery.edu.br> - ISSN 1981 0377

Curso de Pedagogia - N. 5, JUL/DEZ 2008

EDUCAÇÃO ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: O PAPEL DO PEDAGOGO.

MARTINS, Elita Betania de Andrade¹

RESUMO

O presente texto tem como objetivo discutir a atuação do Pedagogo em contextos não escolares. Para isso, é feito um breve histórico, abordando o conceito de Pedagogia e de Educação e suas implicações na formação do Pedagogo na atualidade. O texto ainda, a partir de autores como Rui Canário e Almerindo Afonso, aborda alguns fatores que contribuíram para a denominada “crise da instituição escolar” e fortalecimento das práticas educativas em contextos não escolares. Finalizando com uma discussão sobre os pontos convergentes e divergentes na atuação do Pedagogo em contextos não escolares, mais especificamente: o Pedagogo Empresarial, o Pedagogo Social e o Pedagogo Hospitalar.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Pedagogia. Contextos não escolares. Formação.

ABSTRACT:

This text's objective is to discuss the pedagogue's influence in non school contexts. For this, a brief summary addressing the concept of Pedagogy and Education and their implications in today's shaping of the Pedagogy. This text, per authors like Rui Canario e Almerindo Afonso, addresses some factors that contributed for the “institution of school crisis” and the strengthening of educational practices in non school contexts. Finalizing, with a discussion of the convergent and divergent points in the Pedagogue's influence in non school contexts, more specifically: the Entrepreneur Pedagogue, the Social Pedagogue and the Hospital Pedagogue.

KEYWORDS: Education. Pedagogy. Non-school contexts. Formation.

¹ Professora do Curso de Pedagogia da Faculdade Metodista Granbery; atualmente, desempenhando funções técnicas no Departamento de Ações Pedagógicas da Secretaria de Educação de Juiz de Fora.

EDUCAÇÃO ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA: O PAPEL DO PEDAGOGO.

MARTINS, Elita Betania de Andrade.

INTRODUÇÃO

Como professora do Curso de Pedagogia, atuando em turmas de 1.º período, tenho a prática de conversar com as alunas sobre os motivos que as levaram a escolha do curso e suas expectativas e com frequência, ouço depoimentos afirmando que optaram porque “adoram crianças”, “sempre pensaram em trabalhar em escolas”, ao mesmo tempo, suas falas indicam uma dificuldade em caracterizar qual é o trabalho do Pedagogo. Para auxiliar a compreensão do que faz e de quem é o Pedagogo, solicito que entrevistem profissionais da área para buscarem informações sobre o seu fazer.

Nessas atividades, observo ser muito comum, tanto por parte das alunas que ingressam no curso de Pedagogia, quanto daqueles que já são profissionais, a referência ao Pedagogo como o profissional que trabalha na escola, em alguns casos até mesmo utilizando-se das habilitações: administração, inspeção, supervisão e orientação para explicar melhor o trabalho realizado pelo pedagogo na instituição escolar. Mas será que realmente o Pedagogo é o profissional que exclusivamente atua na escola?

Para respondermos essa questão, julgamos importante discutirmos o conceito de Pedagogia e de educação, o que será feito a seguir.

I) PEDAGOGIA: UM BREVE HISTÓRICO

Se formos analisar o termo Pedagogia, em sua origem, constataremos que na Grécia antiga, a palavra *Paidagogos* nomeava o escravo que conduzia a criança ao templo, mais tarde segundo Aranha (2006) ampliou seu sentido, referindo-se a toda a teoria sobre educação, sendo criadas as primeiras linhas conscientes de ação pedagógica a partir da discussão sobre a *paidéia*², o que influenciou o pensamento ocidental.

² Palavra cunhada no século V e que exprimia, no mundo grego, um ideal de formação constante, integral.

Mialaret (apud Libâneo, 1998) a partir de um dicionário de 1690, aponta Pedagogo como “mestre ao qual se dá o encargo de instruir e de educar um aluno, de ensinar-lhe gramática e de vigiar suas ações.” Libâneo destaca nessa definição sua relação com o saber, a educação por meio do saber. Ainda segundo o autor, é importante considerarmos que a Pedagogia como a compreendemos hoje, está associada a Modernidade e a acontecimentos como a Revolução Francesa e a Industrial. Mas como compreendermos Pedagogia?

Libâneo (1998) destaca que Pedagogia

é o campo do conhecimento que se ocupa do estudo sistemático da educação, isto é, do ato educativo, da prática educativa concreta que se realiza na sociedade como um dos ingredientes básicos da configuração da atividade humana. (1998, p.22)

Pimenta e Anastasiou (2008, p.66) compreendem Pedagogia como “campo teórico da prática educacional que não se restringe à didática da sala de aula nos espaços escolares, mas está presente nas ações educativas da sociedade em geral.”

Assim, a partir da definição dos autores podemos compreender que Pedagogia é um campo do conhecimento que se preocupa com a educação e, portanto, o Pedagogo seria aquele que se dedica às questões ligadas ao processo educacional. E nesse contexto, como compreender educação?

O próprio Libâneo define educação como

conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais. (1998, p.22)

Reforçando a idéia de que a compreensão de educação varia conforme o contexto, Brandão (2007) destaca que não existe o único modelo de educação e afirma que

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os

dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou várias: educação? Educações. (2007, p.7)

Nas palavras de Brandão, podemos constatar a idéia de que educação acontece em vários locais e situações sociais, entretanto, é comum ouvirmos sempre associados os termos educação e escola. Um exemplo disso, pode ser observado nas propostas dos candidatos ao governo municipal, nessa eleições, ao serem questionados sobre educação sempre se referem a mudanças no trabalho escolar. Isso também foi evidenciado nos Jogos Olímpicos, um narrador esportivo, durante a final de vôlei masculino entre Brasil e Estados Unidos, comentava a atuação excepcional de um jogador americano, dizendo que ele havia sido descoberto na escola básica e que era necessário ao Brasil investir nos esportes na escola, pois a escola é a chave de tudo. Será mesmo? Para respondermos a essa questão, é necessário refletirmos sobre esta instituição chamada escola.

II) OS LIMITES DO TRABALHO ESCOLAR E A DISCUSSÃO DA EDUCAÇÃO ALÉM DA ESCOLA.

Inicialmente, devemos considerar que apesar de toda ênfase dada à instituição escolar, essa, segundo Canário (2006) não é um fato natural que sempre existiu ou sempre existirá, é uma invenção humana do final do século XVIII, na transição para a Modernidade e que contribuiu significativamente para a criação de uma nova ordem política, econômica e social. O autor ainda destaca que para essa construção, a escola apresentou três grandes novidades: *a)* ser uma instituição totalmente especializada em educação; *b)* criar uma relação pedagógica baseada no ensino simultâneo de um professor para uma classe considerada homogênea; *c)* assumir valores e uma ação socializadora antes desempenhada pela família e comunidade, transformando a criança em alunos e posteriormente através do ensino em cidadãos.

O autor ainda aponta que no século XX, mais precisamente a partir do final da 2.^a Grande Guerra, inicia-se um movimento de construção de escolas de massa, sob influência de um Estado desenvolvimentista que vinculava a idéia de que a escolarização contribuiria para o crescimento econômico do país e para a ascensão social. Entretanto, a partir da década de 1970, o otimismo pedagógico que percebia a escola como redenção, dá lugar ao desencanto e a escola passa a ser duramente criticada por não ter correspondido às

expectativas de ascensão e na maioria das vezes ter servido para reproduzir as desigualdades sociais.

Essa reprodução das desigualdades sociais é denunciada por Freire (2005) ao afirmar que a educação por ele denominada de bancária, acredita que educado é aquele que se adequa ao mundo, atendendo aos interesses dos opressores. É uma educação que trata os educandos como recipientes, nos quais são acumulados os conhecimentos tidos como verdadeiros, desconsiderando o caráter problematizador que deve ter a educação.

A compreensão de que o homem se educa na relação com outros homens e com o mundo no qual estão inseridos, aliado a compreensão da educação como um processo permanente, não só contribuiu para reforçar as críticas à escola como também para sinalizar a grande diversidade de modalidades educativas que não correspondem ao modelo escolar.

Beillerot (apud Libâneo, 1998) em uma obra intitulada “Sociedade Pedagógica” no qual aponta atividade pedagógica como algo tão importante quanto ao dormir e que se desenvolve em diversos âmbitos, sinaliza que a ação pedagógica acontece em três grandes modalidades:

- I) A primeira agrupa os profissionais que dedicam integralmente seu tempo às atividades pedagógicas, aqui encontram-se os docentes, os pedagogos.
- II) A segunda, aqueles que dedicam parte do seu tempo ou atuam indiretamente na atividade pedagógica, como por exemplo, engenheiros de uma fábrica responsáveis pela formação de funcionários ou redatores de jornais e técnicos de propagandas que programam estratégias de formação de opinião ou entretenimento;
- III) A terceira estaria ligada à vida privada e social, seriam as atividades pedagógicas da família, na rua, cidade, associações e movimentos sociais.

Como podemos perceber tal movimento reforça a necessidade de reconhecer que a educação não é um processo exclusivo da escola e está em consonância com o que afirma Brandão (2007)

Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor-profissional não é o seu único praticante. (2007, p.9)

Podemos constatar o reflexo dessas questões no processo de formação dos futuros Pedagogos quando as Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia (CNE/CP Parecer 05/2005) apontam à necessidade de o curso abordar o exercício da docência e as diferentes funções do trabalho pedagógico tanto nas escolas como em contextos não escolares, o que deverá estar explicitado no projeto pedagógico da instituição formadora assim como em suas Atividades Complementares e Estágio Curricular. Mas como compreender contextos não escolares?

Garcia (apud Zucchetti e Moura, 2008) afirma que o termo “educação não escolar” é utilizado para distinguir todas as práticas educativas que ocorrem no campo social daquelas que ocorrem no interior da escola. Assim, busca-se superar a compreensão de educação como prática formal e ampliar seu sentido, reconhecendo a importância das práticas educativas que acontecem além da escola e se distinguem dessa, mas que ao mesmo tempo, complementam a educação escolar e a familiar.

As próprias Diretrizes do Curso de Pedagogia apontam como modalidades educativas em contextos não escolares: a educação do campo, a educação hospitalar, a educação prisional, a educação comunitária ou popular. Entretanto no presente texto, gostaríamos de destacar o trabalho do Pedagogo nos contextos: hospitalar, popular ou social e empresarial, primeiramente, por acreditarmos ser bastante difícil, em um texto como esse, abordarmos todas as possibilidades de atuação do Pedagogo e em segundo, por acreditarmos que existam algumas características que aproximam as duas primeiras realidades e que se divergem das características do trabalho do pedagogo em um contexto empresarial. É o que apresentaremos a seguir.

III) O TRABALHO DO PEDAGOGO EMPRESARIAL, SOCIAL E HOSPITALAR: ENCONTROS E DESENCONTROS.

Como afirmado anteriormente, o reconhecimento da educação não escolar está intimamente ligado ao processo de questionamento da hegemonia da instituição escolar. Afonso (2002) afirma que

A crescente visibilidade social do campo da educação não formal (...) não é separável das reproduções e dos discursos em torno da chamada crise da educação

escolar. Muito embora, os discursos sobre a crise da educação escolar sejam tão antigos como a própria escola, os factores supostamente geradores da actual crise são hoje mais amplos e heterogêneos. (Afonso, 2002, p.27)

Da afirmação do autor, ressaltamos o aspecto da ampliação e diversificação dos factores que agravam a crise escolar na atualidade e que simultaneamente contribuem para o fortalecimento das práticas educativas não escolares. Dentre os diversos factores apontados pelo autor, gostaríamos de destacar:

- a) as condições atuais de expansão e internacionalização da economia capitalista num contexto de hegemonia ideológica neoliberal;
- b) a emergência do “capitalismo informacional”, as mutações aceleradas nas formas de organização do trabalho e a inevitabilidade (também em grande medida, ideologicamente construída) do desemprego estrutural, a afetar sobretudo as futuras gerações;
- c) a permeabilidade e vulnerabilidade da escola às pressões sociais - pressões que permitem que essa aceite, quase sempre passivamente ser o “bode expiatório” para as crises econômicas cada vez mais crescentes;
- d) a constatação, sinalizada em trabalhos recentes, de que a escola, já não sendo capaz de cumprir cabalmente os mandatos que há muito lhe foram atribuídos, continua (paradoxalmente) a ser pressionada para assumir novos mandatos, à medida que os problemas sociais aumentam e diversificam e se complexificam. (Afonso, 2002, p.27)

Acreditamos que esses factores ao alterarem a compreensão da educação dentro e fora da instituição escolar, interferem também significativamente no papel desempenhado pelo pedagogo. Assim relacionamos em especial, os três primeiros factores citados anteriormente ao destaque dado a figura do pedagogo empresarial.

Este profissional que como o próprio nome indica atua no contexto das empresas tem tido como preocupação refletir sobre os processos de aprendizagem do trabalhador e sua influência no desempenho da empresa. Afinal, conforme afirmação de Riva e Reali (2008)

Com as mudanças no mercado de trabalho as *habilidades do pedagogo têm sido valorizadas* dentro da empresa, uma vez que ele é um profissional que *pode contribuir para o crescimento dos indivíduos*, por meio de atividades formativas, descobrindo seus verdadeiros potenciais, *levando-os à produtividade, através de motivação e treinamentos*.

Diante da lógica das competências busca-se mobilizar o trabalhador em todas as suas dimensões: intelecto, força física, emoções, atitudes e habilidades entre outras, embora com muita sutileza, especialmente porque usa mecanismos diversos como o de autocontrole, em que controla seus atos e emoções para entender e *atender as exigências do mercado*.

Riva e Reali (2008, p. 06 *grifos nossos*)

Como podemos perceber, a compreensão e a preocupação com a aprendizagem dos trabalhadores está diretamente ligada aos objetivos da empresa de se manter em uma sociedade altamente competitiva, é praticamente uma questão de sobrevivência. Sendo assim, o trabalho do Pedagogo neste contexto, não visa nenhuma forma de transformação que não esteja condicionada aos interesses do mercado. Tal pensamento é reforçado com as palavras de Greco (2005)

A tarefa do Pedagogo Empresarial é, entre outras, a de ser o mediador e o articulador de ações educacionais na administração de informação dentro do processo contínuo de mudanças de gestão do conhecimento. Gerenciar processos de mudança exige novas posturas e novos valores organizacionais, características fundamentais para empresas que pretendem se manter competitivas no mercado. (Greco, 2005, p.)

Para essa atividade, o Pedagogo normalmente, vinculado ao setor de RH da empresa, deverá ter conhecimentos sobre o processo de aprendizagem dos adultos, a questão do desenvolvimento de competências e o domínio de técnicas de motivação, com o objetivo de traçar programas de aprendizagem que adequem o trabalhador à cultura organizacional da empresa e que também contribuam para o melhor desempenho de seu trabalho.

Outra possibilidade de atuação do Pedagogo Empresarial é na divulgação de produtos da empresa. Para isso, é necessário pesquisar sobre o público alvo, desenvolver

estratégias de convencimento utilizando das ferramentas adequadas, sendo extremamente importante os conhecimentos na área de psicologia e de marketing. Cabe ressaltar, que tanto na primeira como na segunda situação, é fundamental que o Pedagogo Empresarial atue em articulação com uma equipe multidisciplinar.

Diante desse quadro, evidencia-se que o trabalho do Pedagogo Empresarial não visa o que Freire (2005) chamou de “imersão crítica das massas oprimidas na realidade”, mas sim uma ação voltada para a adaptação produtiva ou como nas palavras do referido autor “é transformar a mentalidade dos oprimidos e não a situação que os ‘oprimem’, e isto para que, melhor adaptando-os a esta situação, melhor os dominem” (p.69)

Em sentido oposto a essa preocupação com a adequação ao mercado, encontramos o Pedagogo Social. Tal denominação vem sendo utilizada para aqueles que se dedicam à chamada Pedagogia Social. Mas como compreender Pedagogia Social?

Segundo Romans *et al* (2003), a Pedagogia Social tem como objeto de estudo a *educação social* e é formada por todos aqueles processos educativos que compartilham no mínimo, dois dos três seguintes atributos:

- a) dirigem-se prioritariamente ao desenvolvimento da sociabilidade dos sujeitos;
- b) têm como destinatários privilegiados indivíduos ou grupos em situação de conflitos social;
- c) têm lugar em contextos ou por meios educativos não formais. (Romans *et al*, 2003, p. 28)

Marques (2004) aponta que no Brasil a possibilidade de uma Pedagogia Social consolidou-se a partir da atuação dos inicialmente denominados educadores de rua, “na luta contra sistemas institucionais fechados que adotavam medidas repressivas, corretivas e assistencialistas junto à população incluídas em condições marginais” (p.26). O autor ainda destaca a necessidade de a Pedagogia Social considerar os processos constitutivos da identidade e da subjetividade dos sujeitos, para que seja possível uma Educação Social comprometida com uma sociedade mais justa.

Neste contexto, o Pedagogo Social deverá ser capaz de detectar e analisar problemas sociais e suas causas, exercer função organizativa, formativa, informativa e orientadora, auxiliando os usuários de determinado serviço social a serem capazes de organizar seu processo de aprendizagem e assumirem “as rédeas de sua vida”, mas ao mesmo tempo, como afirma Oliveira (in Campos et al, 2005, p. 39) “sem cair na armadilha

do puro assistencialismo, de ficar simplesmente ‘tapando os buracos’ que o Estado deixa (...)”.

Este trabalho do Pedagogo Social está intimamente ligado ao último dos quatro fatores destacados anteriormente e que segundo Afonso (2002) contribuíram para a crise da instituição escolar e a valorização da educação não escolar: “d) a constatação, sinalizada em trabalhos recentes, de que a escola, já não sendo capaz de cumprir cabalmente os mandatos que há muito lhe foram atribuídos”. Afinal, muitos desses meninos e meninas, jovens, adolescentes, moradores de rua foram anteriormente marginalizados da instituição escolar e agora se encontram à margem da sociedade. Por essa razão, o trabalho educativo aqui, ganha nova abordagem “a tarefa não é proporcionar o ajustamento, fazer com que a pessoa dobre-se frente às exigências sociais e sim ajudar o outro a enxergar o mundo de seu próprio ponto de vista, a fazer escolhas a tomar decisões” (Oliveira in Campos et al, 2005, p. 39) . O relato de Cristina Peixoto (Campos et al, 2005), técnica da Coordenação de Arte-Educação do Projeto Axé, reforça essa necessidade de criar alternativas educativas diversas das realizadas na escola, quando afirma que “o importante é perceber que o que é secundário no ensino em sala de aula, torna-se fundamental no ensino de rua”.

Cabe ressaltar que além das atividades ligadas diretamente a situação de aprendizagem, o Pedagogo Social pode exercer outras atividades ligadas à gestão de projetos, coordenação de equipes, captação de recursos. Tais funções exigirão do Pedagogo Social, o domínio de conhecimentos ligados à Psicologia, Sociologia, ao Serviço Social, não devendo se desconsiderar que todo esse trabalho para concretizar seu caráter político e transformador deve ser desenvolvido em uma rede social articulada de políticas públicas para a construção coletiva de um mundo democrático.

Dentro dessa perspectiva democrática e atrelado ao fator da escola “não ser capaz de assumir todos os seus mandatos”, situamos o trabalho do Pedagogo Hospitalar. Este seria o profissional responsável por refletir e propôr alternativas para o desenvolvimento de ações educativas no contexto hospitalar, para aqueles que por determinadas circunstâncias encontram-se excluídos do contexto escolar. Mas como compreender Pedagogia Hospitalar?

Conforme Matos e Mugiatti (2006), Pedagogia Hospitalar é

um processo alternativo de educação continuada que ultrapassa o contexto formal da escola, pois levanta parâmetros para o atendimento de necessidades especiais transitórias³ do educando em ambiente hospitalar e/ou domiciliar.(Matos e Mugiatti,2006, p.37).

Esse campo de trabalho ganhou força a partir de alguns movimentos. O primeiro, embasado no fato de a Constituição Federal estabelecer o direito de todos à educação e saúde, e esses não são direitos que se opõem, mas se completam. Então, não é porque uma criança se encontra doente que ela tenha perdido a capacidade de aprender. É preciso evitar que a criança sofra duplamente, pelo seu estado de saúde e pelo seu distanciamento do seu mundo, sua rotina, suas atividades, seus amigos.

Outro fator que fortalece o campo de trabalho do Pedagogo Hospitalar é o fato de pesquisas constatarem que “as crianças que brincavam no hospital se recuperavam mais depressa”. (Cunha, 2007).

Assim, atualmente observamos o trabalho do Pedagogo no hospital nas seguintes frentes: a) Hospitalização Escolarizada; b) Classe Hospitalar e c) Atividades lúdicas que auxiliem no processo de recuperação das crianças ou adolescentes hospitalizados.

A Hospitalização Escolarizada consiste no atendimento personalizado ao escolar doente, respeitando seu momento de doença e considerando a situação de escolaridade, o que de acordo com Matos e Mugiatti (2006), implica na elaboração de propostas específicas para cada criança. Já a Classe Hospitalar que segundo documento do MEC 2002⁴, refere-se ao “atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde”, sendo oferecido a um grupo de crianças de jovens em uma sala ou espaço do hospital organizado para essa finalidade.

As atividades lúdicas, no processo de recuperação, têm sido valorizadas como tentativa de superação da angústia e ansiedade freqüentes no processo de internação e que podem comprometer o desenvolvimento da criança e o próprio restabelecimento da saúde. Por esta razão, em nosso país, desde 2005, a Lei Federal 11.104/05 tornou obrigatório nos hospitais com internação de crianças, a criação de brinquedotecas. Esse

³ Necessidades especiais transitórias são aquelas circunstanciais ou temporárias.

⁴ Classe Hospitalar e atendimento pedagógico hospitalar: estratégias e orientações. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Especial, dezembro de 2002.

espaço deverá contar com Pedagogos e brinquedistas para a elaboração e desenvolvimento de atividades apropriadas a cada faixa etária.

No desenvolvimento dessas atividades no contexto hospitalar é fundamental que o Pedagogo atue articulado com uma equipe multidisciplinar e que se dedique a conhecimentos de áreas como Psicologia, Serviço Social, Enfermagem para desenvolver uma ação docente que segundo Matos e Mugiatti (2006), provoque o encontro entre educação e saúde.

Assim, como podemos perceber a atuação do Pedagogo na Empresa, na Educação Social, no Hospital têm em comum o fato de fortalecerem a compreensão de que a prática educativa vai além dos muros da escola. Entretanto, demonstram a necessidade de conhecimentos especializados para cada uma das situações e também, reforçam o fato de que a educação tem diferentes finalidades conforme o contexto em que é desenvolvida, servindo à adaptação do sujeito a determinada realidade ou contribuindo para modificação dessa realidade.

Essa é uma discussão que precisa estar presente nos cursos de formação de Pedagogos, pois se já discutimos há anos o fato da escola não ser uma instituição neutra, também a educação em contextos não escolares não o é.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

- AFONSO, Almerindo Janela. A crise da escola e a educação não-escolar. In: *Jornal a Página da Educação*, ano 11, n.º 10, março de 2002, p. 27 disponível em www.apagina.pt/arquivo. Acesso em 28/03/2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação e da Pedagogia: Geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006. 3.ª edição
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense, 2007. 49ª edição.
- BRASIL, Lei Federal n.º11.104/05 – Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.
- CAMPOS, Ana Cristina et al. Ensinar e aprender na rua. In: *Revista Pátio*, ano IX, n.º 36, nov/2005-jan/2006.
- CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CUNHA, Nylse Helena Silva. O significado da Brinquedoteca Hospitalar. In: VIEGAS, Drauzio (Org.) *Brinquedoteca hospitalar: isto é humanização*. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 45ª edição.

- GRECCO, Myriam Glória. *O Pedagogo Empresarial*. Monografia apresentada para Conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia Empresarial pela Universidade Veiga de Almeida. Disponível em www.pedagogiaemfoco.pro.br Acesso em 20/08/08.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e Pedagogos: para quê?* São Paulo: Cortez, 1998.
- MARQUES, Walter Ernesto Ude. Pedagogia Social: uma disciplina emergente. In: *Revista Presença Pedagogia*. v. 10, n.º59, set-out/2004
- MATOS, Elizete. MOREIRA, Lúcia. *Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- Parecer CNE/CP, 5/2005. Aprovado em 13/12/05. *Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia*. Processo 223001.000188/2005-02. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação – DF.
- PIMENTA, Selma Garrido e ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2008. 3.ª edição.
- RIVA, Geovana e REALI, Klevi Mari. *Pedagogia Empresarial*. Revista Eletrônica Lato Sensu – Ano 3, nº1, março de 2008. ISSN 1980-6116 disponível em <http://www.unicentro.br>. Acesso em 28/08/2008.
- ROMANS, Mercê et al. *Profissão : Educador Social*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- ZUCCHETTI, Dinora Tereza e MOURA, Eliana Perez Gonçalves de. *Educação Não Escolar e Universidade: necessárias interlocuções para novas questões*. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT06-3417-int.pdf Acesso em 20/08/08